

CONSTRUÇÕES DEVERBAIS E PROCESSOS DE SUBORDINAÇÃO EM IKPENG (KARÍB): BREVE DISCUSSÃO

Frantomé B. Pacheco¹

frantome@gmail.com

RESUMO: O objetivo do trabalho é apresentar uma análise morfossintática para as construções deverbais, discutindo sua estrutura e função dentro das sentenças onde ocorrem. Mostramos que a deverbalização é uma das estratégias empregadas na língua para a formação das orações dependentes ou subordinadas, ao lado de outra possibilidade: manter-se o verbo em forma finita, flexionando-se como o da oração independente. Serão apresentados os diferentes processos de formação das orações relativas e completivas, apontando suas semelhanças e diferenças no que diz respeito à morfologia flexional e derivacional aí envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Ikpeng/Txikão (Karíb); deverbalização; subordinação; morfologia.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, será apresentada uma proposta de descrição para as construções deverbais e seu funcionamento gramatical. Mostraremos que a deverbalização é uma das estratégias empregadas na língua para a formação das orações dependentes ou subordinadas. Assim, será demonstrado que o verbo da oração subordinada pode ocorrer deverbalizado ou na sua forma finita, flexionando-se, neste caso, como o verbo da oração independente. O trabalho está assim organizado: na seção 1, serão apresentados os pressupostos teórico-metodológicos básicos assumidos na análise; na seção 2, algumas informações gramaticais preliminares, como a estrutura do verbo na oração independente e do nome nas construções nominais genitivas; na seção 3, será discutida a oração relativa deverbal; na seção 4, serão apresentadas algumas considerações sobre a oração completiva deverbal; na seção 5, as considerações finais. Acrescente-se que as construções deverbais com função adverbial não

¹ Universidade Federal do Amazonas, UFAM.

serão aqui abordadas, dada a necessidade de uma investigação mais detalhada desse fenômeno. A análise aqui esboçada segue as orientações propostas por autores como Comrie (1989), Croft (1991, 1995 e 2001), Givón (1990/2001), Keenan (1985), Lehmann (1986), Noonan (1985), Payne (1997) e Van Valin (1993, 2000).

1. CONSTRUÇÃO DEVERBAL E ESTRATÉGIAS DE SUBORDINAÇÃO

A oração subordinada é uma construção que é dependente semântica e logicamente da oração matriz ou principal à qual está estruturalmente interligada, pois é interpretada, geralmente, como um constituinte relacionado à oração matriz ou a seus consituíntes. À sentença que possui duas ou mais orações, designamos *complexa*. Segundo Croft (2001), as formas verbais encontradas nas sentenças complexas são classificadas de acordo com a sua relação com os constituintes presentes nas sentenças simples. As formas verbais em uma sentença complexa diferem das encontradas em orações principais (simples) nos seguintes aspectos:

- a) eliminação das marcas de tempo, modo e aspecto, bem como das marcas de concordância empregadas na oração simples;
- b) emprego de formas verbais distintas daquelas utilizadas em construções predicativas da oração principal simples ou de formas especiais distintas daquelas utilizadas em predicados da oração simples (como as formas subjuntivas);
- c) morfemas ligados (presos) às formas verbais (afixos e partículas).

As orações subordinadas podem ser divididas em três tipos principais, conforme propõem vários autores que trabalham dentro da perspectiva tipológica: i) as relativas, cuja função é modificar o núcleo do sintagma nominal; ii) as completivas, cuja função é de argumento do verbo da oração matriz; iii) as adverbiais, cuja função é modificar o predicado ou a oração inteira, entre outras.

Segundo Thompson & Longacre (1985: 172), há três estratégias que são normalmente encontradas nas línguas do mundo para marcar as orações subordinadas ou dependentes:

- a) morfemas subordinadores: esses morfemas podem ser gramaticais sem conteúdo lexical (como *to* em inglês) ou gramaticais com conteúdo lexical (como *before* em inglês);

b) formas verbais especiais: uma forma verbal especial é aquela que não é usada em asserções independentes. Em línguas com concordância verbo-sujeito, a forma verbal especial pode ser uma forma não-finita que perde uma ou mais categorias de concordância;

c) ordem de constituintes: algumas línguas apresentam uma ordem de constituintes específica para as orações subordinadas, como ocorre com o alemão e o sueco.

Uma outra estratégia a ser considerada é:

d) a parataxe, onde a oração subordinada e a principal são interpretadas como asserções separadas, tendo cada uma sintagmas verbais com verbo flexionado, nenhuma marca de subordinação ou coordenação e não sendo empregada nenhuma forma verbal especial (Noonan, 1985: 55; Van Valin, 1993).

Note-se, conforme alguns autores discutem (cf. Cristofaro, 2003; Croft, 2001; Van Valin, 2000), que os limites entre subordinadas encaixadas e não-encaixadas, entre outros envolvendo a subordinação oracional, não são de fácil determinação pois i) a divisão em tipos não bate com a estrutura morfossintática a eles associada; ii) a distinção a partir da determinação das formas de ligação entre a oração subordinada e matriz é uma estratégia pouco segura, existindo, interlinguisticamente, diferentes subtipos de ligação associados a cada tipo de construção, relacionados, em algumas situações, a fatores pragmático-discursivos (cf. Cristófar, 2003: 18). No entanto, esse tipo de discussão não é o objetivo deste trabalho, apesar de considerarmos esses pressupostos em alguns casos, como as estratégias nas quais empregam-se a parataxe ou a adjunção.

Assim, consideramos deverbal a construção que possui como elemento central um item não-verbal que se relaciona estrutural e semanticamente a um lexema verbal de onde é derivado morfologicamente. As construções deverbais apresentam as seguintes propriedades:

a) possuem um item lexical que semanticamente veicula um significado de base verbal, mas estruturalmente pertence a outra categoria lexical (nome, adjetivo, advérbio);

b) são não-finitas, pois não apresentam marcas de tempo e aspecto/modo relacionados ao núcleo do predicado;

c) não selecionam ou não permitem a ocorrência de um sujeito verbal (argumento externo), licenciando apenas argumentos internos ligados ao item deverbal (não são contados aqui os argumentos oblíquos e adjuntos).

Atente-se para o fato de que apenas as relativas e as completivas deverbalizadas serão o alvo deste trabalho. As adverbiais não serão aqui discutidas, devido a sua complexidade e

variedade de tipos, além da necessidade de uma melhor investigação dessas construções na língua.²

2. INFORMAÇÕES GRAMATICAIS PRELIMINARES³

Para entender como funcionam as construções deverbais, apresentamos a estrutura flexional do verbo na oração independente e do nome nas construções possessivas.

2.1 MORFOLOGIA FLEXIONAL NOS VERBOS

Os verbos na língua podem ser agrupados em duas macro-categorias: os verbos intransitivos e os transitivos.

i) **Verbos intransitivos:** os verbos intransitivos recebem dois tipos de flexão pessoal, que os identifica como *ativos* (com marcação Sa/ativa) ou *inativos* (com marcação So/inativa). Os do primeiro grupo recebem os prefixos da Série I, e os do segundo, os da Série II. Do ponto de vista da marcação de caso, o Ikpeng pode ser considerado uma língua ativo-inativa (cf. Palmer, 1994; Dixon, 1994), apresentando, nas construções transitivas, envolvendo nominais (que são marcados como terceira pessoa), um sub-sistema nominativo-acusativo (cf. Tabelas 2 e 3)⁴:

Pessoa	Série I	Série II	
		Radical iniciado por consoante	Radical iniciado por vogal
1	k-	ĩ-	g-
2	m-	o-/a-	w-
1+2	kut- ⁵	wĩ-/uk-	ugw-
3	Ø-	i-/tĩ-	y-/t-

Tabela 1: Prefixos marcadores de pessoa

² Abreviaturas empregadas nas glosas: A: sujeito transitivo; AUX: auxiliar; ADV: adverbial; ADVZ: adverbializador; CAUS: causativo; COL: coletivo; CONT: continuativo; DAT: dativo; DEN: denominalizador; EXC: exclusivo; FIN: finalidade; GEN: genitivo; INC: inclusivo; INST: instrumental; ITER: iterativo; LOC: locativo; MOD: modificador; NFIN: não-finito; NEG: negativo; NOMZ: nominalizador; NPAS: não-passado; O: objeto; OBL: oblíquo; PART: partícula; PAS: passado; POS: posse; POSP: posposição; REC: recente; REF: reflexivo; REM: remoto; S: sujeito intransitivo; SP: sintagma posposicional; SUBR: subordinador; VBZ: verbalizador; 1: primeira pessoa; 2: segunda pessoa; 3: terceira pessoa; 1+2: primeira inclusiva; 1+3: primeira exclusiva.

³ Inventário segmental empregado para transcrever os exemplos: a) Vogais: /a, e, o, ĩ, i, u/; b) Consoantes: /p, t, k, g, tx, m, n, ng, r, l, w, y/.

Note-se que ĩ representa a vogal central alta; tx, a consoante africada palato-alveolar; ng, a consoante nasal velar; y, o glide palatal. Mais informações sobre a fonologia segmental Ikpeng podem ser encontradas em Emmerich (1980 e 1994), Campetela (1997) e Pacheco (1997 e 2001).

⁴ Mais informações sobre os diferentes tipos de marcação de caso nas línguas Karíb podem ser encontradas em Derbyshire (1999) e Gildea (1998), entre outros.

⁵ Alomorfes do morfema pessoal inclusivo {kut-}: i) **kut-** diante de consoante; ii) **kutx-** diante da vogal /i/; iii) **kur-** diante de vogal diferente de /i/. Pode haver queda do segmento /t/ do morfema, que se realiza como **kw-** (podendo ser esse processo assim representado: **kut-** → **kur-** → **kw-**).

PESSOA GRAMATICAL	EXEMPLO COM PREFIXOS PESSOAIS	
i) 1. ^a pessoa	a) k -ara-nang	'Eu estou indo'
	b) g -erangĩ-lĩ	'Eu (me) assustei'
	c) ĩ -nkĩ-lĩ	'Eu dormi'
ii) 2. ^a pessoa	d) m -ara-nang	'Você já está indo?'
	e) o -erangĩ-lĩ	'Você se assustou'
	f) o -nkĩ-lĩ	'Você dormiu'
iii) 1. ^a pessoa inclusiva	g) ma kutx -ip-ta	'Vamos (lá) tomar banho'
	h) ugw -erangĩ-lĩ	'Nós nos assustamos'
	i) wĩ -nkĩ-lĩ	'Nós dormimos'
iv) 3. ^a pessoa e 1. ^a pessoa exclusiva	j) tximna ero-nang ip-te	'Nós [exc] estamos indo tomar banho'
	l) Ø -ero-lĩ	'Ele (se) foi'
	m) tximna erangĩ-lĩ	'Nós nos assustamos'
	n) Ø -erangĩ-lĩ	'Ele se assustou'
	o) y -ĩnkĩ-lĩ	'Ele dormiu'
v) Nominais (marcados iguais à 3. ^a pessoa)	p) angpi Ø -aranme-lĩ menino 3Sa-correr-Rec	'O menino correu'
	q) angpi y -aginum-lĩ menino 3So-ver-Rec	'O menino chorou'

Tabela 2: Prefixos pessoais em verbos intransitivos

ii) **verbos transitivos:** os verbos transitivos, incluindo-se aqueles que possuem um argumento oblíquo, apresentam uma flexão que indica os dois ou apenas um dos argumentos que pertencem à sua grade ou diátese verbal. Nesses verbos, as pessoas do ato de fala são marcadas quando relacionadas à terceira pessoa, havendo uma hierarquia que privilegia a marcação da primeira e segunda pessoas, assim representada: $1, 2 > 3$ (cf. Tabelas 4 e 5):

SUJEITO (A)	OBJETO (O)			
	1O	2O	1+2O	3O
1A		k- ~ ko- ⁶		in-/y-
2A	ugw-			m-
1+2A				kut-
3A	g-/i-	o-/w-	ugw-/wĩ-	Ø-/i-/t-

Tabela 3: Prefixos pessoais e marcação dos participantes nas construções transitivas

⁶ A forma pronominal que indica a relação 1A2O, quando prefixada a radicais transitivos iniciados pela vogal /e/, causam a mudança de /e/ para [i], como se pode ver em **kinengli** 'Você me viu' (cuja representação morfológica

Relação	Hierarquia de pessoa	Exemplo ⁷	Tradução
2A × 3O	2 > 3	a) m -eneng-lĩ	'Você o/a viu'
1A × 2O	1 > 2	b) ko -eneng-lĩ	'Eu vi você'
1+2A × 3O	1, 2 > 3	c) kur -eneng-lĩ	'Nós o/a vimos'
		d) kut -pong-lĩ	'Nós o/a encontramos'
1A × 3O	1 > 3	e) y -eneng-lĩ	'Eu o/a vi'
		f) in -pong-lĩ	'Eu o/a encontrei'
2A × 1O	1=2	g) ugw -eneng-lĩ	'Você me viu'
		h) uk -pong-lĩ	'Você me encontrou'
3A × 2O	2 > 3	i) o -eneng-lĩ	'Ele viu você'
3A × 1O	1 > 3	j) g -eneng-lĩ	'Ele me viu'
3A × 1+2O	1, 2 > 3	l) ugw -eneng-lĩ	'Ele nos viu'
		m) uk -pong-lĩ	'Ele nos encontrou'

Tabela 4: Marcação de pessoa no verbo transitivo

2.2 MORFOLOGIA FLEXIONAL NOS NOMES

Os nomes em função de núcleo de uma construção genitiva recebem os prefixos da Série II, a mesma que marca os argumentos dos verbos inativos (So) e o objeto nos verbos transitivos. No quadro abaixo, é apresentado um conjunto de exemplos que ilustra o emprego dos prefixos pessoais em nomes:

PESSOA GRAMATICAL	EXEMPLO COM PREFIXOS PESSOAIS	
i) 1. ^a pessoa	a) g -ew-rĩ	'minha casa'
	b) ĩ -pu-n	'meu pé'
ii) 2. ^a pessoa	c) o -ew-rĩ	'tua casa'
	d) o -pu-n	'teu pé'
	e) a -mtagri-Ø ⁸	'teu alimento'
iii) 1. ^a pessoa inclusiva	f) ugw -ew-rĩ	'nossa casa'
	g) wĩ -pu-n	'nosso pé'
	h) uk -poy-n	'nossa roupa'
iv) 3. ^a pessoa	i) e -ew-rĩ (→ [ewrĩ])	'casa dele'
	j) i -pu-n	'pé dele'
	l) e -mtagri-Ø	'comida dele'
v) 1. ^a pessoa exclusiva	m) tximna ew-rĩ	'nossa casa'
	n) tximna wugu-n	'nosso pé'
	o) tximna woy-n	'nossa roupa'
	p) tximna miragri-Ø	'nosso alimento'

Tabela 5: Prefixos pessoais da Série II em nomes

seria **k-eneng-lĩ**). Foi observada a ocorrência do alomorfe [**ko-**] nos mesmos contextos em que ocorre [**k-**]: **koenengli** 'Você me viu' (cf. para mais detalhes Campetela, 1997).

⁷ Nos exemplos que seguem, **-li** indica passado recente; **-pong-** é o radical do verbo 'encontrar'; **-enen-**, do verbo 'ver'.

⁸ Note-se que o prefixo {**o-**}, diante de radicais iniciados com sílaba CV, sendo /a/ a vogal, muda para /a-/. Designamos tal fenômeno *harmonia vocálica* ou perda de traço [+arredondado].

Será mostrado, nas seções seguintes, que o núcleo das construções deverbais, de base transitiva, que funcionam como modificadores de nominais apresentam uma morfologia flexional e uma estrutura que os aproxima mais dos nomes do que dos verbos.

3. ORAÇÃO RELATIVA DEVERBAL

3.1 O IKPENG E A TIPOLOGIA DAS RELATIVAS

São consideradas relativas as orações dependentes que funcionam como adjetivos ou como modificadores do núcleo nominal. De acordo com Lehmann (1986), as orações relativas podem ser classificadas segundo dois parâmetros:

- i) presença do núcleo nominal dentro da oração relativa;
- ii) posição da relativa em relação à oração principal.

Para (i), o autor propõe a seguinte divisão: I) *núcleo nominal interno* (“internal-head”); e II) *núcleo nominal externo* (“external-head”). Para (ii) propõe dois tipos: A) as *adjungidas*; e B) as *encaixadas*. As adjungidas podem ser 1) *prepostas*; ou 2) *pospostas* à oração principal, e as encaixadas, *circum-nominais* (envolvendo o núcleo nominal) e *adnominais* (pré-nominais ou pós-nominais). Em Pacheco (2001), o Ikpeng foi classificado como língua do Tipo II-B1 (NÚCLEO NOMINAL EXTERNO/PÓS-NOMINAL). No entanto, devido a uma propriedade associada às construções modificadoras, que funcionam como adjuntos e podem ocorrer em diversas posições na sentença principal ou matriz, re-classificamos as relativas como pertencentes ao tipo IIA (NÚCLEO NOMINAL EXTERNO/ADJUNGIDAS).

3.2 ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO DA ORAÇÃO RELATIVA

Em Ikpeng, há duas estratégias de formação das orações relativas⁹:

Estratégia I - formação via deverbalização: o verbo perde algumas propriedades como a marcação tempo-aspectual finita e a concordância com o sujeito;

Estratégia II - formação via partícula subordinadora: o verbo se encontra na forma finita, flexionado para tempo-aspecto, mas é marcado com a partícula subordinadora {pa}.

⁹ A noção de estratégia seguida por nós, bem como um levantamento das possíveis estratégias empregadas pelas línguas naturais para formação da relativa, encontra-se em Givón (1990).

Às relativas formadas via estratégia I, chamamos relativas nominalizadas; àquelas que empregam a estratégia II, relativas finitas. As primeiras empregam os morfemas deverbalizadores {-**nin**}, {-**n-**} e {-**tem**}, que vêm acompanhados de morfemas nominais que indicam passado, {-**pin**} e {-**towo**}; as segundas empregam a partícula subordinadora {**pa**}, em conjunto com a partícula relativizadora {**keni**}. Observe-se que serão discutidas aqui apenas a relativização das funções centrais ou nucleares (ou seja, as funções *Sa*, *So*, *A* e *O*)¹⁰.

3.3 RELATIVAS DEVERBAIS ENVOLVENDO AS FUNÇÕES SINTÁTICAS NUCLEARES

3.3.1 RELATIVIZAÇÃO DE SUJEITOS INTRANSITIVOS (S)

Na relativização dos nominais que são sujeitos dos verbos mono-argumentais no passado, emprega-se o deverbalizador {-**tem**}. A língua não distingue a relativização de *Sa* da de *So*, marcando da mesma forma todas as orações mono-argumentais, inclusive as transitivas sem o agente expresso. Sintaticamente, assume-se que a relativa intransitiva deverbalizada seja um modificador adjetivo/adverbial, diferindo da relativa transitiva deverbalizada pelo fato de não apresentar a estrutura de uma construção genitiva:

- (1) a. angpi Ø-aranme-lĩ ga gwaktxi
menino 3Sa-correr-Rec rio para
'O menino correu para o rio'
- b. angpi i-rompo-lĩ
menino 3So-morrer-Rec
'O menino morreu'
- c. petkom Ø-arimtong-lĩ wot
mulher 3A3O-cozinhar-TAM peixe
'A mulher cozinhou o peixe'
- d. angpi [t-aranme-rem-towo] Ø-ero-lĩ Ø-ip-te
menino 3-correr-Nomz:S-PN 3Sa-ir-Rec 3Sa-banhar-se-Fin
'O menino que correu foi tomar banho'
- e. y- eneng-lĩ angpi [tĩ-rompo-rem-towo]
1A3O-ver-Rec menino 3-morrer-Nomz:S-PN
'Eu vi menino que morreu'
- f. tumok wot [t-arimton-tem-towo]
gostoso peixe 3-cozinhar-Nomz:S-PN
'Peixe cozido é gostoso'

¹⁰ Essas funções correspondem ao sujeito dos verbos intransitivos ativos (*Sa*), dos verbos intransitivos inativos (*So*), de verbos transitivos (*A*) e ao objeto do verbo transitivo (*O*) (cf., sobre essa nomenclatura, Dixon, 1994).

Em algumas relativas, encontra-se o sufixo {-tu}. Não se sabe ainda se há uma relação entre esse sufixo e certos tipos de radicais verbais. Veja-se, a seguir, que ele ocorre em verbos como “quebrar” e “assustar”:

- (2) a. Ø-ar-apkore-lĩ wayo
3Sa-Ref-quebrar-Rec cuia
'A cuia quebrou'
- b. y-eneng-lĩ wayo [ar-apko-tu]
1A3O-ver-Rec cuia Ref-quebrar-Mod
'Eu vi a cuia quebrada'
- c. akari Ø-erangob-lĩ txileni
cachorro 3A3O-assustar-Rec Cilene
'O cachorro assustou Cilene'
- d. y-eneng-lĩ angpi [akari n-erangop-tu]
1A3O-ver-REC menino cachorro Nomz:O-assustar-Mod
'Eu vi o menino que o cachorro assustou'

Note-se que o que distingue *arapkotu* em (b) do verbo *arapkoreli* em (a) é o seu caráter não-verbal. Mas, não sabemos ainda qual a natureza desse elemento, glossado provisoriamente como MOD (modificador). Observamos que não ocorre quando se sufixa {-nin}, o que demonstra estar relacionado ao objeto ou a eventos estativos. Sintaticamente, ele se comporta como um modificador deverbal. Necessita-se, entretanto, determinar sua real função gramatical ou semântica.

3.3.2 RELATIVIZAÇÃO DE SUJEITO (A) E OBJETO (O) DE VERBOS TRANSITIVOS

Quando a relativização envolve os argumentos *A* e *O*, em orações no passado, haverá uma marca que distingue se é *A* ou *O* o argumento relativizado, conforme descrito abaixo:

- i) Relativização de *A*: o argumento *A* fica indicado no verbo deverbalizado através do sufixo {-nin};
- ii) Relativização de *O*: o argumento *O* fica indicado no verbo deverbalizado através do prefixo {n-}.

Sintaticamente, as relativas deverbalizadas envolvendo bases verbais transitivas apresentam as seguintes características:

a) são semelhantes às construções genitivas, sendo o verbo o núcleo da construção e o argumento não relativizado seu modificador genitivo;

b) quando o verbo transitivo deverbalizado vem acompanhado de um de seus argumentos lexicais, não é permitida a marca de terceira pessoa no núcleo, por estarem o prefixo de terceira e o nominal em distribuição complementar. Caso não haja esse elemento nominal (lexical), então a marca de terceira é requerida, como ocorre nas construções genitivas (contrastem-se, por exemplo, *i-moropo-n* 'bolsa dele' com *txileni moropo-n* 'bolsa de Cilene').

Portanto, pode-se afirmar que as relativas nominalizadas são construções genitivizadas.

- (3) a. petkom Ø-arimtong-li wot
mulher 3-cozinhar-Rec peixe
'A mulher cozinhou o peixe'
- b. y-eneng-li petkom [wot Ø-arimtong-**nin**-pîn]
3-ver-Rec mulher peixe 3A3O-cozinhar-Nomz-TAM
'Eu vi a mulher que cozinhou o peixe'
- c. y-eneng-li wot [petkom Ø-**n**-arimtong-pîn]
3-ver-TAM peixe mulher 3A3O-Nomz-cozinhar-TAM
'Eu vi o peixe que a mulher cozinhou'
- (4) a. petkom [g-enen-nin-pîn] Ø-ero-li
mulher 1-ver-Nomz:A-PN 3Sa-ir-Rec
'A mulher que me viu foi embora'
- b. petkom [i-n-enen-pîn] Ø-ero-li
mulher 1-Nomz:O-ver-PN 3Sa-ir-Rec
'A mulher que eu vi foi embora'

Note-se que há uma cisão entre as relativas finitas e as nominalizadas que é determinada, prioritariamente, pelas categorias tempo-aspectuais encontradas no verbo da relativa. Assim, se o verbo da relativa estiver no tempo recente ou não-passado, ou apresentar o aspecto continuativo, por exemplo, ele permanecerá morfologicamente igual ao verbo encontrado na oração independente correspondente; se o verbo estiver no passado não-recente, ele se tornará deverbalizado, conforme foi acima demonstrado:

- (5) a. i-wari angpi [Ø-aranme-**nang** pa keni]
1-amigo menino 3S-correr-Cont Subr Rel
'O garoto que está correndo é meu amigo'

- b. petkom Ø-arimtung itereku [y-erenmī-**nang** pa keni]
mulher 3A3O-cozinhar galinha 1A3O-matar-Cont Subr Rel
‘A mulher vai cozinhar a galinha que eu estou matando’

4. CONSTRUÇÕES DEVERBAIS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO DA ORAÇÃO COMPLETIVA: ANÁLISE PRELIMINAR

4.1 VERBOS QUE PEDEM COMPLEMENTO VERBAL

Segundo Givón (1990), os verbos que pedem complemento oracional podem ser agrupados em três classes:

- i) *Verbos de modalidade;*
- ii) *Verbos de manipulação;*
- iii) *Verbos de cognição-elocução.*

Em Ikpeng, não foram encontrados verbos que correspondem aos indicadores de modalidade como ocorre em inglês. Na língua, essa categoria ocorre co-lexicalizada (afixada à base verbal) ou é indicada por meio de partículas. Segundo o autor (p. 538), a co-lexicalização do complemento corresponde à “subida de predicado”, isto é, o verbo complemento ocorre adjacente ao verbo principal. Na próxima seção, mostraremos o caso da forma desiderativa (Des), que corresponde a esse tipo de verbo.

Os verbos de manipulação (como “mandar”, “ordenar”) e verbos de cognição-elocução (como “saber”), pedem complementos verbais em Ikpeng, excetuando-se “dizer”, que pede uma sentença na forma proferida (discurso direto)¹¹. Entretanto, os primeiros apresentam uma variante que se realiza como forma co-lexicalizada (apresentam o *causativo morfológico*) quando se envolve comando não-oral.

Note-se que além dos complementos oracionais deverbais aqui discutidos, postula-se a existência das orações completivas finitas (cf. Pacheco, 2001).

¹¹ Veja-se o seguinte exemplo, ilustrativo desse tipo de estrutura:
yokore [y-eru-li topkax txileni ina] Ø-ke-li
Iokoré 1A3O-dar-Rec arco Cilene para 3-dizer-Rec ‘Iokoré disse: eu dei um arco para Cilene’

4.2 VERBO DE MANIPULAÇÃO: {ANONG}

Entre os verbos de manipulação, destacamos o verbo {anong} que significa “mandar”, “ordenar”, “enviar”. É empregado quando se envolve comando “oral”:

- (6) a. uro y-anong-li ugu=logon
eu 1A3O-mandar-Rec ele-Part
‘Eu mandei ele mesmo’
- b. uro y-anong-li [o-enen-pot]
Eu 1A3O-mandar-Rec 2-ver-Nomz:Loc
‘Eu o obriguei te olhar’
- c. txileni Ø-anong-li angpi [Ø-aranmet-poto]
Cilene 3A3O-mandar-Rec menino 3Sa-correr-Nomz:Loc
‘Cilene fez/mandou o menino correr’
- d. petkom Ø-anong-li emangatkuri
mulher 3A3O-mandar-Rec menina-moça
anat [t-erut-poto] angpi ina
milho 3-dar-Nomz:Loc menino Dat:para
‘A mulher mandou a menina dar milho para o menino’

4.3 VERBO DE COGNIÇÃO-ELOCUÇÃO: {OREMPAN}

Entre os verbos de cognição, destacamos o verbo {orempan}, que significa "saber":

- (7) {orempan}: “saber”
- a. t-orempan uro pitxikleta wok Ø-erotket-poto
3-saber eu bicicleta na 3-andar-Nomz:Loc
‘Eu sei andar de bicicleta’
- b. t-orempan uro moto Ø-awit-poto
3-saber eu motor 3-ligar-Nomz:Loc
‘Eu sei ligar/dirigir motor’
- b. ugu=logon g-empan-li moto Ø-awit-poto
ele=mesmo 3A1O-ensinar-REC motor 3-ligar-Nomz:Loc
‘Ele me ensinou a dirigir/ligar motor’

Acrescente-se que foram encontradas também orações completivas finitas:

- (8) t-orempan ugun [yokore Ø-anep-li karawato ti-wari ina]
3-saber ele Iokoré 3-trazer-Rec gravador Ref-amigo Dat:para
‘Ele sabe que o Iokoré trouxe um gravador para o amigo dele’

4.4 OUTROS CASOS

Outros tipos de verbos, como os perceptuais, podem ter um complemento oracional. Abaixo, mostramos o caso do verbo “ver”:

- (9) a. y-eneng-lĩ angpi t-aranme-t
1A3O-ver-REC menino 3-correr-NFin
‘Eu vi o menino correndo’
- b. txileni Ø-eneng-lĩ angpi t-ĩnkĩ-t
Cilene 3-ver-REC menino 3-dormir-NFin
‘Cilene viu o menino dormindo’
- c. y-eneng-lĩ petkom angpi ãna t-erut-poto inot
1A3O-ver-REC mulher menino Dat 3-dar-Nomz:Loc pequi
‘Eu vi a mulher dar pequi para o menino’

Note-se, portanto, que as orações completivas deverbais estão mais próximas de nomes locativos do que de nomes possuídos (como ocorre com *arimtonget-pot* ‘cozinha’ [lit. lugar de cozinhar]).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurou-se mostrar, brevemente, como a estratégia da deverbalização é empregada na formação das orações subordinadas relativas e completivas em Ikpeng, língua que pertence à família Karíb, dando-se ênfase às primeiras. As relativas deverbais, de base verbal transitiva, se comportam estruturalmente como construções genitivas ou como construções adverbiais/adjetivas. Quanto às completivas, viu-se que elas estão mais próximas, estruturalmente, das construções nominais locativas, ou seja, podem ser interpretadas como deverbalizações locativas do ponto de vista de sua morfossintaxe. Reitere-se, ainda, que o presente estudo não tratou das orações adverbiais dada a sua complexidade e necessidade de mais pesquisas sobre os processos deverbais que resultem em construções desse tipo.

REFERÊNCIAS

1. CAMPETELA, C. (1997) *Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng*. Dissertação de Mestrado, inédita. Campinas: UNICAMP.
2. COMRIE, B. (1989) *Language universals and linguistic typology*. 2. ed. Oxford: Blackwell.
3. CRISTOFARO, S. (2003) *Subordination*. Oxford: Oxford University Press.
4. CROFT, W. (1991) *Syntactic categories and grammatical relations*. Chicago: University of Chicago Press.
5. _____. (1995) Modern syntactic typology. In: M. Shibatani & T. Bynon (org.) *Approaches to language typology*. Oxford: Oxford University Press, p. 85-46.
6. _____. (2001) *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Nova York: Oxford University Press.
7. DERBYSHIRE, Desmond (1999) Carib. In: R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (org.) *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 23-64.
8. DIXON, R. M. W. (1994) *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
9. EMMERICH, C. (1980) *Fonologia segmental da língua Txikão: um exercício de análise*. *Linguística X*. Rio: Museu Nacional/UFRJ.
10. _____. (1994) The Txikão language: Fricatives or no fricatives? *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos* 8: *Linguística Tupi-Guarani/Carib*, p. 65-72.
11. GILDEA, S. (1998) *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press.
12. GIVÓN, T. (1990) *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol II. (2. ed. 2001). Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.
13. KEENAN, E. (1985a) Relative clauses. In: T. Shopen (org.) *Language typology and syntactic description*, vol. II. Cambridge University Press, p. 143-170.
14. KLIMOV, G. A. (1974) On the character of languages of active typology. *Linguistics* 131, p. 11-25.
15. LEHMANN, C. (1986) On the typology of relative clauses. *Linguistics* 24: 663-680.

16. MENGET, P. (2001) *Em nome dos outros: classificação das relações sociais entre os Txikão do Alto Xingu* (Trad. de Gonçalo Praça). Lisboa: Assírio & Alvim/Museu Nacional de Etnologia.
17. NICHOLS, J. (1986) Head-marking and dependent-marking grammar. *Language* 62: 56-119.
18. NOONAN, M. (1985) Complementation. In: T. Shopen (org.) *Language typology and syntactic description*, vol. II. Cambridge University Press, p. 42-140.
19. PACHECO, F. B. (1997) *Aspectos da gramática Ikpeng (Karib)*. Dissertação de Mestrado, inédita. Campinas: UNICAMP.
20. _____. (2001) *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)*. Tese de Doutorado, inédita. Campinas: IEL/UNICAMP.
21. PAYNE, T. (1997) *Describing morphosyntax: a guide for field Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
22. THOMPSON, S.A. & R. LONGACRE (1985) Adverbial Clause. In: T. Shopen (org.) *Language typology and syntactic description*, vol. II. Cambridge University Press, p. 171-234.
23. VAN VALIN, R. (1993) A synopsis of Role and Reference Grammar. In: R. D. Van Valin, Jr. (org.) *Advances in Role and Reference Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
24. _____. (2000) The acquisition of complex sentence: a case study in the role of theory in the study of language development. In: A. Okrent & J. P. Boyle (org.) *36th Meeting of the Chicago Linguistic Society: The panels*, p. 511-531.

RESUMO: O objetivo do trabalho é apresentar uma análise morfossintática para as construções deverbiais, discutindo sua estrutura e função dentro das sentenças onde ocorrem. Mostramos que a deverbalização é uma das estratégias empregadas na língua para a formação das orações dependentes ou subordinadas, ao lado de outra possibilidade: manter-se o verbo em forma finita, flexionando-se como o da oração independente. Serão apresentados os diferentes processos de formação das orações relativas e completivas, apontando suas semelhanças e diferenças no que diz respeito à morfologia flexional e derivacional aí envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Ikpeng/Txikão (Karib); deverbalização; subordinação; morfologia.

ABSTRACT: The goal of this article is to present a morphosyntactic analysis for deverbial constructions discussing their structure and function within the sentences in which they occur. It is showed that deverbialization is one of the strategies used in this language to form dependent or subordinate clauses, with another possibility: to keep the verb in its finite form, inflecting it with the one in the independent clause. Different processes of relative clauses and completive clauses are presented, pointing out their similarities and differences regarding their flexional and derivation morphology processes involved.

KEYWORDS: Ikpeng/Txikão (Cariban), deverbalization, subordination, morphology.